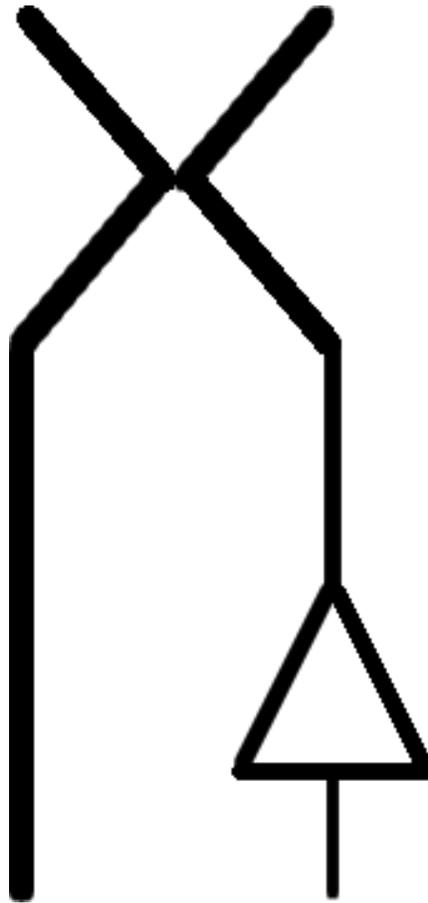


# WIGGLE ROOM



Copyright

Conto de José M. da Silva

©

## Wiggle Room

Um conto ligeiramente estereotipado.

O sexo entre eles era bom. Pelo menos, igual à média dos casais, ou seja, uma tromba aqui, uma chantagem ali, uma birra hoje, uma greve amanhã, mas os dois gozavam, o que talvez seja o grande e único objetivo do sexo. Sempre. Gozar bem ou gozar mal, este o lema do homem e da mulher modernos. Gozar é preciso; amar é lucro. E parece que se amavam bem, também. Afinal, ninguém vive com ninguém por quase cinco anos, sem trair, se não houver amor. Ou uma grande afeição, admiração, respeito, seja lá o que for. Trair. O que será trair? Passar a mão em outro é trair? Comer alguém (e no fundo, quem come mesmo é a mulher!) sem envolvimento é trair? Foder em pensamento é trair?

A coisa toda começou meio que por acaso. Foi numa daquelas raras noites de segunda. A primeira fora muito boa e, por razões até agora inexplicáveis, uma meia hora depois recomeçou o jogo amoroso milenar, a mão que desliza meio sem vontade sobre a coxa; o dedo que aperta e pressiona e belisca um tanto hesitante; o olho que se fecha, na tentativa de se sentir o que não se sente bem ainda, mas que se gostaria amarga e maravilhosamente de sentir; o arrepio que provoca comentários cômico-libidinosos; a virada de lado daquele que já atingiu um grau de tesão ligeiramente maior do que o outro e, já naquele ponto sem retorno, ajoelhou-tem-que-rezar, começa a tomar as iniciativas; até que num piscar de olhos e de sensações tudo começa a reacontecer. O desejo erótico-anímico-egoísta do regozio no novo gozo do parceiro. Enfim, a clássica situação do redespertar de ambos, que geralmente acaba com a mulher em decúbito ventral, com o homem por cima dela de olhos fechados a suar a busca da milésima estocada sem sair do clima, quando a mulher, após o quinto orgasmo, arreganhada, ardida e esfolada – mas definitiva e determinadamente despertada em seu instinto primal de fêmea orgulhosa que vai dar de qualquer maneira mais um gozo a seu macho –, emite ruídos obscenos e palavras sensuais, até que o homem, passados séculos de minuto de desespero pelo medo de não conseguir o que agora se tornou um desafio, uma ideia fixa carnal, ejacula algumas gotas de um sêmen desencavado do fundo de suas reservas de energia e imaginação. Imaginação. A maior aliada do sexo.

De repente ele começa a falar. E ela não registra bem as palavras, sabedora de que se aproxima o momento tão ansiado. Pelo contrário, prevendo o alívio daquele um certo martírio vaginal que já dura uma boa meia hora de pênis ora amolescente, ora endurecido, ela se mexe com movimentos aprendidos na sua vivência de fêmea socialmente sexual (sexualmente social?), no afã de dar prazer, ela já não sabe se consciente – pelo alívio –, ou se inconsciente –, pelo amor a seu homem. Só que as palavras começam a fazer um outro sentido: algo como Sônia, eu tô subindo a mão na tua coxa, enfiando o dedo dentro da tua calcinha; agora eu tô arrancando a tua saia e abrindo as tuas pernas – um verdadeiro choque. Ela para de se movimentar, mas, por não saber direito o que se passa, mais por instinto volta a penetrar seu traseiro em torno do membro dele, mas já agora com atenção redobrada de fêmea machucada na alma, embora sem compreender direito a situação. Curiosamente o nome muda, ou ela acha que muda – no fundo ela não acha bem mais nada –, para Márcia, tesão, você é muito gostosa, eu quero gozar nessa bunda, agora!... E sua atividade peniana fica mais intensa, eufórica, suas mãos a apertam desesperadamente, ela colabora, ajuda, quer mas não quer, até que tudo se acaba em dois gemidos repetidos infinitas vezes, num afrouxar de músculos e membros, num suspirar resolvido, num desencaixar de sexos, num sair de cima e virar na cama.

O instinto feminino a aconselha a esperar um pouco mais para as perguntas que se fazem necessárias, afinal o que é isso? Sônia, Márcia, quem são? Mas são perguntas meio etéreas ainda, o torpor da mente intensificado pela surpresa precisará de mais alguns minutos para se transformar em vaidade ferida, em cobrança de explicações, em suma, para que o cérebro volte ao normal. Não se perturba um cão ao comer; pelo mesmo motivo, não se toca ou aborda um homem após o sexo. Ela sabe. Ela espera.

\*

– Amor...

– Ahn...

– Quem é Sônia?

– Ah, olha, deixa pra lá.

– E Márcia?

– Amor, esquece.

– Você falou o nome delas...

– Não é nada demais.

– Peraí. Nada demais? Você trepa comigo, fala o nome de duas mulheres e não é nada demais?

Ela se senta na cama, pernas cruzadas, mãos nos joelhos. Ele se vira e olha para ela.

– Amor, saiu sem querer.

– Escuta – ela agora começa a gesticular –, fala logo e não enrola. Quem são essas piranhas? Você tá galinhando por aí? Porra, eu tenho pelo menos o direito de saber.

Ele respira fundo, vira-se na cama e olha para o teto. Ela espera. Talvez o fator mais significativo numa longa união de dois amantes seja o respeito ao tempo do outro, o conhecimento de cada gesto, cada suspiro, cada palavra, cada entonação. Ele se vira de novo para ela.

– Amor, elas não são piranhas.

– Então...

– Peraí – interrompendo –, deixa eu terminar. A Sônia trabalha comigo, num outro departamento; a Márcia entrega quentinha pro pessoal...

Agora é ela quem interrompe:

– Quê?! Porra, cara, que que é isso?... Desembucha!

– Pô, deixa eu explicar.

– Ahn!!

– Amor, não dá pra explicar... Sabe o que que é? Tava difícil de gozar, aí eu comecei a pensar em outras mulheres, pra ajudar, sabe como é?, pra excitar um pouco mais; você já devia estar de saco cheio, já tava demorando...

É interrompido com raiva:

– Peraí. Deixa ver se eu tô entendendo: você comeu duas mulheres com a minha boceta!? É isso?!

– Não. Quer dizer, mais ou menos; eu tava comendo você, só pensei nelas pra ajudar...

– Puta que pariu!

– Amor, não fica puta. Sabe o que mais? Eu sempre fui assim...

– Ahn? Sempre?!

– Todo mundo faz isso...

– Todo mundo é o caralho!

– Amor, põe o pé no chão. Vai dizer que você nunca pensou em outro cara quando tava transando com alguém?

– Eu!? Nunca. Pô, cê tá pensando o quê?

– Amor, muita gente pensa... Sei lá, não quer dizer que você esteja com tesão na pessoa...

– Ah, claro que não!...

– Não. Quer dizer – agora ele gesticula, tentando descrever –, é tesão. Mas não tesão de querer transar com a pessoa, quer dizer, é, mas não do jeito que é você estar transando com a pessoa que tá com você no momento. Entendeu?

Irritada:

– Não. Não entendi porra nenhuma. – Deita-se e cruza os braços, olhando o teto. – Você tá é saindo com outras mulheres. E ainda tem a cara lavada de me dizer que trepa comigo e pensa em outra. E que não é tesão. Ora, vai se catar!

– Amor, você não entendeu... Me diz uma coisa, mas seja sincera: você nunca, mas nunca mesmo pensou em outro enquanto transava?

Ela hesita um pouco. Depois diz:

– Olha, não começa a desviar do assunto. Isso é muita esperteza; agora vai querer me botar na parede...

Ele interrompe:

– Você é que está desviando do assunto. Eu fiz uma pergunta clara, direta e objetiva. Você nunca pensou em outra pessoa enquanto trepava?

– Porra, isso acontece na adolescência...

– Ah-ha! Então já!

– Cara, sei lá, talvez, uma vez, duas, mas só quando a gente é nova. E é uma coisa rápida. Isso é ridículo. – Há um curto silêncio. A seguir ela emenda: – Não é pra ficar em cima de alguém até conseguir gozar. Pô, isso é sacanagem, é falta de respeito.

Ela se senta na cama outra vez. Ele fala:

– Mas o ponto não é esse. O ponto é que também já aconteceu com você. Seja por que motivo foi, quando foi, com quem foi... Olha, eu acho inclusive que acontece com todo mundo. Só que ninguém fala.

– Você também nunca falou.

– Nem você...

Ele coloca os braços atrás da cabeça e continua deitado, pensativo; ela sentada, olhando para o lado, inconformada, mas refletindo. Ele diz:

– Amor, escapou...

Ela interrompe:

– Ah, escapou!? E se não escapa, eu nunca ia saber! Você não ia contar, não é? – Silêncio. – Não é? Responde.

–É, talvez não...

– Isso é um absurdo! Eu mereço!...

Provavelmente a harmonia entre duas pessoas tenha muito a ver com a capacidade de se abordarem assuntos complexos com lucidez. Ou pelo menos com alguma lucidez. O roubo via de regra acaba criando situações incontornáveis. Na hora da raiva, é difícil prever as consequências de um “bate se você é homem”, de um “então vai logo embora e não enche mais o meu saco, me deixa em paz de uma vez”; isso equivale quase que a um “atira, se você tem coragem!” Quem gosta verdadeiramente tem o dom (quase sempre) de antecipar os resultados das palavras mais agressivas: pede mais uma cerveja, coloca um basta abrupto na conversa, vai ao banheiro, muda de assunto, ou vai tomar um banho.

– Olha, quer saber? – diz ela, levantando-se da cama –, eu vou é tomar um banho, antes que essa conversa acabe mal. Mas a gente vai voltar a falar nisso.

– Se você achar que vale a pena...

Ele continua deitado, mas ela já está de pé, andando para o banheiro.

– Eu acho sim. – De repente, volta-se e para em frente à cama. Diz: – Escuta, me diz só uma coisinha: e se eu começasse a transar com você falando nomes de outros homens?

Ele pensa por um momento e responde:

– Honestamente?

– Ahn.

– Eu acho que não ia ter problema...

– Não ia ter problema – diz ela, com um certo tom calculado de ironia.

– Acho que não, mas...

Ela interrompe, retomando o caminho do banheiro:

– Me aguarde – e sai do quarto.

Algumas coisas na vida são inexplicáveis, como por exemplo o fato de se conseguir dormir após um forte abalo emocional, uma discussão, uma grande decepção, uma surpresa agradável, uma boa notícia. No entanto, foi o que aconteceu com os dois. Aparentemente, o assunto foi esquecido.

\*

Até que umas três noites mais tarde, enquanto os dois assistiam à televisão – não tinham feito sexo após o “incidente” –, ela bruscamente soltou:

- Amor, lembra do lance com a Sônia e a Márcia outro dia?
- Lembro.
- Eu quero perguntar uma coisa.
- Ahn.
- Você sente tesão nelas? Mas fala a verdade.
- Amor, isso é uma conversa comprida. – Fez uma pausa e prosseguiu. – E você não vai entender.
- Tenta.
- Amor...
- Tenta!

Ele refletiu, como se tentasse não só encontrar as palavras apropriadas, mas também a forma menos complicada de abordar o assunto. Odiava quando tinha de explicar sensações, coisas que, pensava, eram tão abstratas que existiam por si mesmas; que diabo, algumas coisas a gente não consegue explicar, não dá! E quando é preciso, o trabalho mental é tão desgastante que nem sempre vale o tempo perdido. Sem saída na ocasião, tentou começar:

- Amor, existem dois tipos de tesão...

Ela se intrometeu:

- Lá vem você com as tuas teorias.
- Porra, você quer que eu fale ou não?
- Quero.
- Então não interrompe. Se você quiser, depois argumenta.

Ele se ajeitou melhor no sofá e prosseguiu, em tom ligeiramente professoral, como era seu feitio.

– Há dois tipos de tesão: um deles é um tesão de carne, tem ereção, dá vontade de transar, é sexo puro, ou acaba na cama ou na masturbação. Pode ter amor ou não. O fato é que envolve a vontade consciente de tirar a roupa da mulher, de tocar, de dar e ter prazer. Entende?

- Até aí não tem nada de novo, todo mundo sabe.

– Engano seu. Existe um outro tesão. É um tesão de admiração, de contemplação, mais ou menos como um prazer estético, como quando a gente observa um quadro, uma escultura, ouve uma música...

Ela interrompeu mais uma vez:

– Ah, qualé?! Vai dizer que você olha as pernas de uma mulher na rua igualzinho a uma obra de Picasso? E desculpa o trocadilho.

– Exatamente. Tem diferença, por causa do sentido que fica excitado: no caso do quadro, é, digamos, uma parte do cérebro, sei lá, no caso das pernas, é outra parte. São sensações diferentes, mas a excitação acontece nos dois casos.

Algumas colocações em tese impediriam qualquer possibilidade de continuação de uma conversa. Seja pelo inusitado da coisa, pela dificuldade do assunto, ou até pelo fato de o interlocutor jamais ter pensado naquilo. Mas nada como um orgulho para colocar por terra a tese e insistir, mesmo sem armas.

– E daí?

– Daí que você não acha homens bonitos na rua, no trabalho, teus alunos, um ator de cinema?

– Isso é diferente...

– Não é! Aí é que está! É atração, é desejo, é sexo, é tudo. Só que de outra forma.

Ainda faltavam armas.

– É diferente.

– Não é. Olha, você falou na Sônia e na Márcia. Vamos lá. A Sônia trabalha comigo, é bonita, casada, mais nova do que eu...

Ela interrompeu:

– Idade não quer dizer nada...

– Pô, deixa eu terminar.

– Vai.

– Então. Eu nunca cantei ela...

– Tá!...

– Puta merda, então eu não vou mais falar nisso!

– Desculpa, não vou interromper mais.

Ele suspira.

– Bom. Eu nunca cantei ela, ela nunca se insinuou, quer dizer, mulher, só pelo fato de estar de minissaia já se insinua, mas nunca foi pra mim, proposital, nunca foi, assim, ostensivo. Agora, eu olho, eu admiro. Ela é um tesão, a

gente brinca, mas nada demais. Sério. Quer saber?, nunca vai rolar nada. Eu tenho certeza. A Márcia entrega quentinha lá pro pessoal. A gente sempre se encontra: eu estou indo almoçar e ela está chegando. É coisa de oi, tudo bem, tudo, tchau. Ela é moreninha, baixinha, não é nem bonita. Ela usa sempre uma calça jeans apertadinha; aí você olha, vê a bundinha espremida ali dentro... É impossível não registrar.

Pausa. Ela insiste:

– E daí?

– Daí que a, vamos dizer, a excitação que eu sinto por elas, e é diariamente, não está ligada a querer comer, pensar numa cantada, criar situações. Sabe de uma coisa? Nunca fiquei de pau duro com elas. Nunca. É como se fosse um registro, para referência posterior. É isso.

Ela não estava convencida. Achava até que não estava entendendo muito bem. Aquilo tudo mais parecia uma grande enrolação, conversa pra boi dormir, ou melhor, *vaca* dormir, ela própria. Homem é foda! Mas não deixava de despertar um certo interesse. Era inacreditável, mas era horrroso pensar que ela se identificava com algumas passagens daquela história surrealista.

– Quer dizer que você não tem interesse nelas!?

– Não. Absolutamente.

– Tá. Agora explica como é que essa total falta de interesse faz você falar o nome das duas no meio da nossa trepada.

– Eu não falei, saiu.

– Mas tava pensando nelas.

– Tava. Claro. – Fez uma pausa, buscando as palavras certas. – Olha, desde adolescente que, sempre que tá difícil gozar, eu começo a pensar em mulheres. Outras mulheres...

– Nunca a que você tá comendo!

– Não, aí é que está. Sabe o que que é? Deixa ver se eu consigo te explicar. Chega um ponto, quando tá difícil de gozar, que o que passa a ser importante, a única coisa que interessa, a qualquer custo, é gozar, não importa o quê. Não entenda mal, mas aquela mulher ali deixa de existir, só existe a vontade de gozar, de acabar com o assunto. Aí você começa a procurar subterfúgios. O meu é esse. Deve haver outros. Eu acho que todo mundo é assim. Vai dizer que você só pensa em mim, quando transa comigo?!

Surpreendida, ela não hesita:

– Claro!

– Não, você não entendeu. Não é em mim, na minha pessoa, no meu corpo, você não fica imaginando o meu nome. O sexo transcende isso. Você fecha os olhos e sei lá, não é mais você.

– Porra, não dá pra entender...

– É, é complicado. Sabe o que que é? Eu acho que no fundo a mulher fode diferente do homem.

– Mais uma teoria – diz ela irônica e cada vez mais desconcertada.

– Não deixa de ser, mas veja bem: eu acho que quando a mulher se entrega no sexo, ela transa com o que o homem, aquele que está com ela no momento, *representa* pra ela. É essa “imagem” que dá tesão nela, além do corpo, é claro, daquela pessoa. Se está difícil de gozar, a maioria diz que tá difícil, desiste simplesmente, espera o cara acabar, sei lá. “Estou cansada hoje”, “hoje não tá dando”, “vai você”, coisas assim. Por isso que ela só trepa com aquele cara naquele momento. O homem não. Ele transa com aquela mulher, aquele corpo. Quer dizer, ele convive com a mulher pelo que ela *representa* pra ele, mas ele come o que ela *é*. Sempre. Daí que, se tá difícil gozar, ele pensa em outra, em outras, aquela ali da hora já não interessa, ela já tá ali com ele mesmo... Ai ele começa a imaginar outras, que normalmente ele jamais vai comer, diga-se de passagem! A mulher trepa com uma abstração transformada em corpo concreto, o homem com um corpo concreto ainda que abstrato. Entendeu?

Ela estava num misto de surpresa, desiludida, revoltada e, mais chocante, convencida de que aquilo poderia não ser uma besteira completa. Tateou:

– Isso é meio confuso, meio absurdo...

– Eu não estou generalizando. – Agora ele era parte integrante de sua teoria; o resto inexistia. – Há homens que não fazem isso e há mulheres que fazem. Eu estou só, digamos, majoritalizando.

Ela ficava profundamente irritada – e geralmente vencida – com a constante neologização daquele homem. Mas admitia que o admirava precisamente por isso, porque no fim de contas ela entendia perfeitamente o que ele queria dizer e o que a língua não previra.

– Você quer a prova?

Ela, sem muitas alternativas:

– Quero...

– A mulher tem um limiar de beleza muito baixo. Deixa eu te explicar: você vê muito mais mulheres bonitas com homens feios do que homens bonitos (ou até feios) com mulheres feias. A mulher consegue ver outras coisas no homem, abstrair do seu corpo, sentimentalizar, emocionalizar os defeitos. O homem precisa de algo tesudo: uma perna, uma coxa, um peito, um olho, uma bunda, um rosto, uma boceta mais melada, um cu mais apertado, uma mexida mais gostosa, uma chupada mais eficiente. É claro que não é uma regra geral, mas é por aí. E quer saber? É por isso que eu admiro as mulheres. Eu não consigo ser assim. Vocês conseguem. Vocês evoluíram, nós não. Ponto pra vocês.

Convenhamos, elogiar a mulher nunca falhou, na guerra dos sexos. É um golpe baixo, antigo, fora de moda, ultrapassado, irritante até, mas, para desespero das mulheres, eficaz. Não nasceu mulher que ignore um comentário ao cabelo, aos olhos, ao batom, à roupa, à voz, ou, mais intimamente, à cor do bico do seio, à conformação dos grandes lábios, à sedosidade das coxas, à cor dos pentelhos, sendo que nada bate um elogio ao intelecto, à perspicácia, à inteligência ou sagacidade de uma mulher, qualquer que seja. Um elogio, por fim, bem aplicado, pode não ganhar a guerra, mas desarma a adversária. O resto dependerá da estratégia utilizada.

Não era esse o caso dele. Ela sabia. Do contrário, não estariam juntos havia tanto tempo. Isso era o que talvez a irritasse além da conta. Ela às vezes não conseguia estabelecer muito claramente o limite entre o canalha e o poeta, mas quem consegue?

Tudo, porém, tem seu preço. E o dele, por mera questão de justiça, era o dá cá do toma lá. Perguntou:

– E você?

– Eu o quê? – Ela temia essa hora, a hora em que teria de se expor. Sempre fora assim. Ela precisava urgentemente aprender a se preparar para uma discussão com ele, se preparar melhor antes de propor um assunto.

– Você não tem tesão em ninguém?

– Como assim? – Isso era flagrantemente para ganhar tempo.

– Ah, não desconversa. Não existe ninguém que te atraia? Olha, eu não sou o mais bonito, o mais gostoso...

– Não brinca.

– Eu não tô brincando. Só quero saber. É impossível que você não se sinta atraída por ninguém.

– Atraída como?

– Pô, amor, atraída. Sexo. Tesão. Fala. Solta o verbo. Se abre.

– Não, quer dizer, acho alguns homens bonitos, mas não é tesão...

Ele interrompeu, brincando:

– Nem dentro da minha teoria dos dois tesões?...

– Bom, aí... – Fez uma pausa. – Não sei...

– Fala. Quem você acha bonito?

– Ah, esquece isso!

– Fala. Tá com medo? Eu não falei?

– Pra que isso?

– Fala, é justo. Eu falei, você fala. Se abre.

Ela já estava pensativa desde a primeira pergunta. Ele sabia; daí a insistência. Falou, por fim:

– O Ricardo. Eu acho o Ricardo um tesão. Pronto. – Ela só não conseguia, naquele momento, definir se falara por raiva, indignação, desabafo, reação à insistência, ou se por sinceridade sensual, se é que existe tal denominação.

– O Ricardo? Quem diria... Quem mais?

Era lista que ele queria? Então toma:

– O Marco,... o Luiz,... o Arthur...

Ele interrompeu:

– Esse eu não conheço.

– É o irmão da Malu. Ele é conhecido do meu chefe. Tá sempre lá na escola.

– Ah.

– Mas eu nunca quis dar pra eles.

– É o que eu tô falando desde o início. Não precisa querer dar.

– E eu nunca falei o nome deles trepando com você!

– Porque não quis. – Pausa. – Ou porque não saiu. Mas será que você nunca pensou neles?

Agora era demais. Ele passara dos limites. Esbravejou:

– Cê tá pensando que eu sou uma puta?! O que que cê tá pensando que eu sou?

– O mesmo que eu.

– Como é que é?

– Amor, é só uma conversa. Cê tá exagerando na reação. Você não acha eles bonitos, sexy, atraentes?...

– Não quando eu estou transando com um homem! – Já é complicado falar de sexo; mais ainda quando a conversa chega a esse grau de intimidade. Parece que a pessoa com quem se conversa é um público de cem pessoas. Ela jamais admitiria em voz alta, mas não tinha certeza do que dizia: se nunca tinha pensado em ninguém, se tinha e se esquecera, se tinha e, envergonhada, abolia o pensamento e a lembrança, ou se não queria falar sobre isso, com receio de ter de admitir que tudo era possível. Ele, sem trégua:

– Será?

Definitivamente isso não tinha fim. E ela continuava desarmada. Apelou:

– O que é que cê tá insinuando?

– Nada. Eu me abri. Você pode se abrir. Não precisa ter medo do que eu possa pensar de você. O que eu sinto por você não vai mudar. Isso não é traição, infidelidade...

Finalmente, um gancho:

– Não é traição, não?! Pensar em tirar as calcinhas de uma mulher, admitir que ela é um tesão, falar o nome dela, tudo isso enquanto você trepa com a mulher? Não é, não!?

Talvez não um bom gancho para um bom argumentador, seguro do que está falando.

– Não. É traição ter tesão no Richard Gere? No Kevin Costner? No Antonio Fagundes?

– Isso é diferente.

– Claro, eles estão longe, quase inacessíveis. Mas é tesão.

– É atração.

– É a mesma coisa.

- Não é!
- É. Me diz uma coisa: você molha a calcinha com o Brad Pitt?
- Não.
- Mas acha ele sensual, gostoso, bonito?
- Acho.
- Você molha a calcinha pelo tal Arthur, o irmão da Malu?
- Não.
- Mas acha ele sensual, gostoso, bonito?

Ele fora cruel. Sua lógica era imbatível e infernal. Ela nunca conseguia se desvencilhar da teia, que muitas vezes era ela mesma que criava. Por isso ela o odiava. Ou amava. Como rebater? Talvez com o óbvio.

- Acho.
- Então?
- Então o quê?
- Escuta, me diz uma coisa: vamos imaginar que o Arthur te chamou pra sair. Com aquele papo cativante, perfumado, um gato. Cê sai?
- Não.
- Fala a verdade. É só pra tomar um chope, conversar, cês tão saindo do trabalho, não é nada demais...
- Aí depende.
- De quê?
- Se eu estiver casada, não.
- Tem certeza? Você não pode ter amigos, conhecer gente nova? Só porque está casada?
- Tá bom. Vamos encurtar. Eu saio.
- Certo. E se o papo for bom, de alto nível, se ele for inteligente, cortês, um gentleman, envolvente, culto, não vai rolar mais nada?
- Não.
- Mas não vai nem passar pela tua cabeça algo pelo menos remotamente parecido com a ideia, só a ideia, de que ele é interessante, bonito, sensual, atlético, seja lá o que for?...
- Tá, pode passar...

– Isso não molha a calcinha, não?

– Não. – Ela mentira. E ela notou que ele notou que ela notou que mentira. Não tinha alternativa. – Tá bom, pode até ser. Mas não quer dizer que eu vá transar com ele!

– Eu sei. Só se você não tivesse ninguém.

– É. – Ele às vezes ajudava um pouco.

– Eu sei. Ou só se você não estivesse bem com esse alguém. – Ele por dentro achava que ela transaria de qualquer maneira, mas preferiu continuar na mesma linha, para não complicar.

– É. – Ele às vezes entendia mais dela do que ela mesma. Ou vinha em seu socorro para não constrangê-la, o que era praticamente a mesma coisa.

– Eu sei. Mas o desejo existiu. A vontade estava lá. Você de certa forma reprimiu. É traição?

– Não sei, eu tô confusa. Você sempre me confunde. – Por um lado, era verdade; por outro, essa história de molhar a calcinha... A mulher não costuma se desvelar tão profundamente nesse assunto de excitação, possivelmente resquício de séculos de repressão. Ela estava insegura: podia ser que sim, podia ser que não, podia ser que não se lembrasse. Ele prosseguiu:

– Pois eu digo que depende. Por isso é que você tá confusa.

– Hein? – A surpresa era verdadeira.

– Depende do que você chama traição. Se traição é trepar com alguém, consumir o fato, fazer sexo, isso não é traição. Mas se traição é pensar em uma pessoa estando com outra, isso é traição.

O que a traiu foi a espontaneidade. Emendou:

– Pensar, admirar só, não é traição.

– Então você não pode achar traição eu falar na Sônia e na Márcia.

O silêncio às vezes é comprometedor e denunciador. Ela optou por não responder. Era muito complicado. Estava se expondo demais. Estava à beira de entregar os pontos.

– Se não é traição, não tem tanto problema. E daí que você não pode ficar puta comigo. Aliás, você prefere que eu transe com você de vez em quando pensando em outra, ou que eu te traia com a outra?

– Sei lá, as duas opções são traumatizantes. E ridículas!

– Não são, não. E sabe por quê? Uma não é traição, a outra é. Simples. Foi você que concluiu.

Uma das grandes qualidades da mulher é a sinceridade. Com ela, às vezes a mulher surpreende o homem, outras vezes o conquista. Desabafou:

– Tem vezes que eu não sei se você é um grande filho da puta ou um gênio. É difícil argumentar com um homem que sabe manipular as palavras. Evidentemente pra obter vantagem, de acordo com os seus interesses, né?

– Isso também vale para a mulher.

– É...

Abraçaram-se no sofá. Ela depositou a cabeça em seu peito e assim ficou durante alguns minutos. Depois se afastaram, mas a mão dela permaneceu sobre a coxa dele. Ele cruzou os braços. Ela perguntou, demonstrando ter assimilado sua “exposição acadêmica”:

– Qual dos dois tesões você tem por mim?

Ele não hesitou:

– Os dois. O de começar e o de continuar.

– Mas se você não tivesse um dos dois, você não me diria, né?

– Acho que não. Mas era bem capaz de não estar mais com você.

– Então pra que Sônia e Márcia?

– Eu já expliquei: tem uma hora que o que interessa é gozar, é acabar.

– E onde é que eu fico nessa hora?

– Não fica. Você já está. O teu lugar ninguém tira. O teu lugar é permanente, o das outras é temporário. As outras são só um artifício, um aditivo, um caminho pra chegar num lugar que só serve se você estiver lá.

A pergunta foi sincera e sem rancor:

– Amor, você sempre transou comigo pensando em outra?

A resposta também:

– Não. É um recurso que eu só utilizo quando eu demoro muito pra gozar. Sempre foi assim. Com qualquer mulher. Gostando ou não. Amando ou não.

O pedido, um tanto óbvio, também:

– Cê me faz um favor?

– Faça.

– Mesmo?

– Mesmo.

– Daqui pra frente, quando a gente transar, eu quero que você me diga sempre que pensar em alguém. Durante ou logo depois.

– Amor, esquece isso. Não tem nada a ver. É uma coisa tão insignificante...

– Não, eu quero. Eu exijo.

- Escuta, vai atrapalhar... Além disso, pode ser pesado pra você, você pode não aguentar...
- Deixa, é problema meu.
- Nosso.
- Não, meu.

Houve uma pausa, ambos medindo as implicações. Dali em diante não teria volta. Era como se fosse uma decisão vital para o relacionamento futuro dos dois. Ele disse:

- Com duas condições.
- Quais?
- Uma: se você pensar em alguém, cê vai dizer também; duas: cê não vai guardar nada e a gente vai discutir tudo a respeito, sempre que acontecer, de lá e de cá.
- Eu topo.
- Então tá combinado.

\*

Certas conversas ou discussões terminam, mas deixam um rastro de pensamento que persiste durante dias, uma espécie de perfume que começa a ocasionar uma ligeira dor de cabeça, digamos, uma enxaqueca mental, intelectual ou emocional. Aquela conversa ficara em sua mente, martelando dia e noite, mas curiosamente mais pelo que tivera de inusitado do que por qualquer sentimento de ódio, irritação ou mágoa. Ela não saberia explicar por que, mas tudo a induzia a desconfiar de algo bom, produtivo, interessante, e não algo maléfico para a relação dos dois. Uns três dias depois, já na cama, ela subitamente lhe disse:

- Mas eu tenho ciúme dessas mulheres que vêm à tua cabeça quando você tá transando comigo.

A alquimia presente em alguns casais prevê um certo grau de constante espera pelo inesperado. Por isso, ele não ficou surpreso com o comentário, que, para um observador, pareceria saído do nada e, também por isso, ele não demorou a falar:

- Todo mundo tem ciúme.
- Você também?
- Eu também.
- Mas você não deveria ter ciúme. Você não acha isso traição!...
- Errado. Quem não acha que é traição é você. Eu acho que é.

Agora ela se surpreendera. Sentou-se na cama e encarou-o:

- Como é que é?! Cê acha traição?! Mas e aquele discurso todo pra me convencer que não era?!

Ele permaneceu deitado e também olhou para ela, dizendo:

– Eu não quis te convencer de nada. Eu falei que tudo depende do que você considera traição. Você admitiu que pensar em outra pessoa durante o ato sexual, ou fora dele, não é traição. Melhor pra você. Fica mais fácil de administrar a situação.

– Cara, eu tô chocada! Então eu entendi tudo errado.

– Não, nada disso. Cê entendeu certo, só que você pensou que eu também pensava como você.

– Peraí. Deixa ver se eu tô entendendo isso direito: o cara que me diz que não tem nada a ver pensar em outras mulheres quando transa comigo, eu, teoricamente a oficial, que nessas alturas eu já não sei se sou, o que sou, quem sou, puta merda!, esse cara me convence...

Ele interrompeu:

Copyright

– Convince, não!

– Tá bom, me induz a pensar...

Ele interrompe ainda outra vez:

– Induz, também não. Eu só te ajudei a concluir por você mesma o que você acha que é traição.

– Tá legal. Esse cara, que me ajuda a decidir na minha cabeça o que é traição e, vamos repetir, que não vê problema nenhum em pensar em outra pessoa durante uma trepada, esse cara vem me dizer que acha isso traição. E que teria ciúme se isso acontecesse comigo!? Ah, vai tomar no cu, com a tua teoria babaca, cara!

– Escuta, amor, sem baixar o nível. Veja bem, é fácil de entender. Eu não disse naquele dia que achava ou não isso traição. Cê também não perguntou...

– Ah, essa é boa – diz ela, interrompendo, irritada –, e se eu nunca perguntasse, cê também não ia dizer, não é isso?!

– Provavelmente. Mas olha só: a conversa daquele dia tava em você, não em mim. Como tá em mim agora, eu posso até falar.

Ela estava desconcertada.

– Olha – disse ele, conciliador –, eu sei que você vai rir, mas eu acho que existem dois tipos de traição...

– Ah, não, essa não. De novo com os dois tipos, não!

– Eu falei que cê ia rir, mas é verdade...

– Puta que pariu, eu não mereço isso!... – disse ela, no fundo achando que aquilo começava a ser uma grande gozação dele.

– Olha só: há dois tipos de traição. Mas antes disso tem um parêntese. Primeiro a pessoa tem que decidir o que é traição pra ela. Sem isso, não dá pra continuar, a pessoa fica perdida, confundindo tudo. Bom, aí você decide o que acha e o que não acha traição. Esse é o problema: as pessoas não fazem isso. Aí tudo vira traição uma hora, nada é traição outra hora, é uma zona total. Bom, aí você tem que decidir o que é traição e o que não é. No nosso caso – gesticulava, professor –, pra você, traição envolve toque, ato sexual, premeditação, encontros etc., não é isso?

Pronto. Agora começava a sessão de dialética socrática, que tanto a emputecia, só pensando assim. Respondeu, entrando no jogo:

– É. É isso.

– Então. Isso é traição pra você. Pensar não é traição. Olhar na rua não é traição. Certo?

– Certo de novo – suspirou.

– Olha, se você quiser, a gente para – disse ele, notando o suspiro de enfado.

– Não, não, continua.

– Então, tá. Bom, pra você traição é isso. Pra mim, tudo, absolutamente tudo é traição. Fim. Pensar, olhar, desejar, falar, telefonar, imaginar, encostar, tocar, dedar, trepar... Tudo, tudo é traição. Se for outro ou outra que não o que está ali naquele momento, é traição. Pra mim é isso, não há discussão.

Ela estava admirada.

– Eu tô admirada. Que discurso machista é esse agora, porra?

– Não é discurso machista, é só uma forma diferente da tua de entender a traição. Mas deixa eu continuar. Aí sim, depois de decidir o que é e o que não é traição, vem o que eu disse antes: há dois tipos de traição. – Ela se deitou e ficou atenta. – Tem uma traição que impede o relacionamento e tem uma traição que não impede o relacionamento. Agora, isso depende de cada pessoa, do grau de tolerância à questão da traição. Uns toleram mais, outros menos. Uns toleram tudo, outros nada. É simples. É só entender o mecanismo. Se bem que isso é meio teoria, na prática é foda, mas aí já é outro assunto.

Ela estava interessada e curiosa para saber até que ponto ele se exporia. Agora era a sua vez.

– E onde é que o pesquisador do sexo alheio se coloca? Como fica o seu ciúme.

Ele permanecia calmo.

– Bom, você perguntou se eu achava que pensar em outro na hora do sexo é traição. Eu acho. Só que eu acho que esse tipo de traição não atrapalha o relacionamento, a não ser que seja compulsivo, sempre, toda hora, todo dia. Se você sair com outros homens, seja para o que for, eu também vou achar que é traição, lembra?, tudo pra mim é traição, mas aí eu vou achar que é um tipo de traição que atrapalha o relacionamento. Não sei nem se eu aceitaria. O meu grau de tolerância é baixo. Mas pensar, embora eu considere traição, eu não vejo como um problema grande. E antes que você diga, eu vou dizer: é cômodo, é muito cômodo. Sabe por quê? Porque na minha cabeça é um tipo de traição que não dá trabalho. Se eu quiser comer alguém, se eu achar que alguém é bonita, interessante, sexy, qualquer coisa, eu posso, entre aspas, comer essa mulher, sem deixar de comer você, entende? E sem ter que me relacionar seriamente com outra mulher, ou outras mulheres. Aí sim, poderia atrapalhar o nosso relacionamento, você poderia não aceitar, eu teria que optar...

A única coisa que ela poderia fazer naquele momento era interromper.

– E você tem vontade de se relacionar com outra mulher? Eu atrapalho?

– Não, amor, eu já disse que não. Se eu tivesse, já teria feito. E do modo como eu falei, parece que é sempre, e não é. Isso é só às vezes. Mas no fundo você tem que concordar que é uma boa terapia, fuga, drible, artifício, mas no meu pobre entender, eu me preservo, preservo você e preservo o nosso relacionamento. Porque eu gosto de você, e não das outras.

Ele se virou e passou o braço por cima dela.

– Tira a mão. Sai daí. – Ele tirou, mas ficou de lado, olhando para ela. – Você é engraçado: fala, fala e depois vem com carinho. Porra, cara, cê dá cada porrada...

– Amor, foi você que quis ouvir...

– Mas foi você que começou a falar nome de outras mulheres na cama!

– Tá bom, mas olha só, veja o lado bom da coisa, a gente acaba se conhecendo melhor.

Ela não conseguiu evitar o sarcasmo.

– A gente e mais uma porrada de gente, né? E em detalhes!...

Ele riu. Ela também não resistiu. Ele passou o braço sobre ela outra vez. Ela não resistiu.

– E o ciúme? – lembrou-se ela.

– Ué, eu tenho ciúme. Se você olha para alguém na rua, eu tenho ciúme; se você fala de alguém, eu tenho ciúme; e se é isso que você quer saber com essa conversa toda, se você falar em alguém durante uma trepada, eu vou ter ciúme também! É lógico. Mas é uma coisa que eu é que tenho que controlar. É um problema meu. Se não controlar, aí é o caos. A relação vai pro caralho. Cê não vai trabalhar, estudar, sair com ninguém, e por aí vai.

Aquele homem não existia, pensou ela. Mais uma vez, crápula ou portento, ele a convencera. Era verdade, tinha de admitir. Podia não concordar, e não concordava em tudo, mas eram argumentos de peso. Era uma boa teoria para lidar com um problema sério. No entanto, o instinto de sobrevivência nos mares tormentosos da discussão não permitem baixar a guarda tão rapidamente. Falou:

– Eu acho que no fundo cê tá inventando essa história toda pra se livrar daquela noite que você falou os dois nomes, mas, tudo bem, tem alguma coisa que presta nisso tudo.

– Pior que é exatamente como eu penso, não tem invenção nenhuma. Talvez eu nunca tenha tido oportunidade de comentar a respeito, mas eu não tô inventando, não. Eu tô é com sono.

– É, eu também. – Fez uma pausa. Discutir coisa séria cansava muito. O que a desagradava um pouco era ter de passar por aquilo tudo, o desgaste, a atenção, será que era preciso? Trepar não era tão complicado assim. Tinha de ser com ela! Por outro lado, não deixava de ser um aprendizado. Ele tinha razão: na pior das hipóteses, serviria para que eles se conhecessem melhor. Foi pensando nisso tudo, sonolenta, que falou: – Doido.

Se ele ouviu ou não, ela jamais descobriu, mas ele dormiu. Ela também.

\*

Nada é mais frustrante para uma mulher do que ter seu gozo interrompido. Quem já não teve o membro literalmente dobrado, numa saída imprevista de dentro da vagina, devida a um movimento mais brusco por parte de um dos dois? A dor desta dobra, no homem, não se equipara, nem de longe à decepção da mulher, se ela estivesse quase chegando lá. É traumático para ela. No caso em pauta, não saiu por acaso; nem por premeditação. Aliás, não saiu. Mas ele parou, depois de um insight magnífico, cuja origem ficou perdida em meio ao turbilhão de pensamentos inerentes à boa prática de um ato sexual. E parar, para a mulher, equivale a retirar. O grande requinte de crueldade consiste em falar algo, o que quer que seja, após interromper o ato, ou retirar o membro de dentro da mulher. E ele falou.

– Amor, eu tô pensando na perna da Sônia, de minissaia.

Ela não sabe o que dizer, interrompida que foi e ultrajada pelo comentário. Lembra-se das conversas que tiveram a respeito e fica quieta. Ele continua falando.

– Posso continuar pensando alto?

Sem outros argumentos, pelo imprevisto da situação, ela se entrega, mais curiosa do que concordante.

– Pode.

E ele, gradativamente aumentando o ritmo e a intensidade das estocadas:

– Eu tô passando a mão na perna dela. Ela tá apoiada na mesa da recepção, a saia dela subiu um pouco, dá pra ver um pouquinho da calcinha. Eu tô enfiando o dedo por dentro da calcinha dela e descubro que a boceta tá molhada. Aí ela encosta a bunda em mim e diz “tira a minha roupa”. Eu tiro a dela e a minha e começo a comer ela por trás. Aí eu sinto aquela bocetinha melada e ela pede mais... – Ai, amor, eu tô quase gozando, pede pra eu te foder gostoso, pede...

Ela já não sabe se ele se dirige a ela ou à Sônia. Sem saber bem por que, atende:

– Me fode, me fode gostoso...

– Ai, eu tô gozando!... Eu tô gozando!...

\*

Ainda continuam na mesma posição, ambos calados, sexo dentro de sexo, ele exausto, relaxado, ela pensativa, semichateada, magoada. Ele fala:

– Amor, e você?

Ela resolve se entregar de vez. Pelo menos, como ele dizia, seria uma experiência nova. E por que não experimentar algo novo com o homem que divide a cama com você? Melhor do que com um desconhecido. Opta por começar pela ingenuidade:

– Eu o quê?

– Cê gozou?

– Agora não.

Ele recomeça a movimentar o membro.

– Então goza. Vai preparando ela. Aproveita que ele ainda tá duro. Vai pensando que eu te amo, que eu te adoro, que eu tô apaixonado, que eu quero te dar prazer, pensa numa foda gostosa, dá uma gozada pra mim, pro teu macho.

Ela ainda tenta desistir. Diz:

– Amor, eu tô cansada. Tá difícil, eu não vou conseguir.

E ele:

– Ah, você sempre consegue, é só tentar, pensa em alguma coisa gostosa, deixa eu sentir você gozando comigo dentro de você. Por favor.

É ridículo, horrível, mas ela está ficando excitada de novo. O processo começou há alguns minutos e ela não sabe se se excita pelo pênis que desliza dentro dela, ou se pelo que remói na mente. Entrega-se e fala de chofre:

– Eu quero dar pro Arthur. Tesão!

Será que ela sente uma parada ligeira naquele movimento do seu homem, ou é impressão. O que importa é que, se foi, foi rápida. Ele prossegue nas investidas e também se entrega:

– Dá então, dá. Dá pra ele com o pau do teu macho.

– Eu dou, eu tô dando, ele tá me tirando a calcinha e dizendo que me ama, que me deseja, que sempre foi apaixonado por mim...

– Isso, prepara essa gozada gostosa.

– Ele diz que eu sou a mulher da vida dele, que eu sou gostosa, ele tá metendo em mim...

– Onde?

– Na minha... – pausa. Ela estava totalmente entregue, a que ela não sabia ao certo.

– Onde?

– Na minha boceta, na minha bunda, ai eu vou gozar!...

– Goza, tesão, dá pra mim...

– Tô dando...

– Dá tudo, dá...

– Tô gozando, que gostoso, ai...

\*

– Amor, posso perguntar uma coisa?

– Pode.

– Cê faz o maior jogo duro pra me dar essa bunda, né?

– Cê sabe que eu não gosto muito. Dói.

– Então, como é que você imagina que o Arthur tá comendo a tua bunda?

– Hein?!

– No dia que a gente tava transando, noutro dia, lembra?, você imaginou que ele tava metendo na tua bunda...

– É!?

– É.

– Eu nem lembro. – Pausa. – Quer dizer... – Pausa. – Talvez. – Na defensiva, disse: – Foi você que pediu pra eu fantasiar.

– Eu sei, não tô reclamando. Tô só comentando.

– Não lembro bem, eu tava com tesão. Em você, nele, não sei. Não sei mesmo. Tava meio tonta...

– Ahn.

Ficou pensativa. Depois emendou:

– Meio fora de mim...

– É, eu notei. Mas foi bom.

– Foi. Muito bom.

Houve uma pausa ligeiramente constrangedora. Ele tomou a iniciativa.

– Você pensou no Arthur?

– Cê sabe que pensei.

– Foi bom?

– Não sei. Sinceramente. Era como se eu viajasse nele e voltasse à realidade com você. Era estranho. Era ele e era você, ia e voltava. Ou era só ele, ou só você. Eu não sei. Ou os dois ao mesmo tempo. Tinha momentos que eu me concentrava, mas não sei se era nele, em você, nos dois ou em nenhum. Muito confuso. Eu só sei que era fodida. Bem fodida. E gozei. Era um transe. Estranho. – Pausa. – Mas bom.

O coup de grâce:

– Você se sentiu me traindo?

Inebriada, ela respondeu:

– Não. – Pausa. – Sim. – Pausa. – Não. – Pausa. – Não sei...

\*

Cada casal tem a sua maneira peculiar de permanecer casal. Uns recorrem a uma ereção eterna, outros a manuais posicionais, outros a designs eróticos de lingerie, outros a filmes pornográficos; uns se veem toda hora, outros se veem pouco, ainda outros mal se veem; uns se estribam nos filhos, outros no trabalho, outros no dinheiro, alguns no interesse; uns procuram amantes, outros diversão, outros vida social ativa; alguns poucos conseguem se basear no diálogo. E foi esta insaciável exposição de motivos que levou os dois a quase um ano de uma ocasional referência ao sexo a três, quatro, a grupo, embora só estivessem lá os dois, regado com uma enxurrada de detalhes e esclarecido com elucubrações pós-trepada. Às vezes mais frequente, outras vezes inexistente, a prática persistia. Houve brigas, é verdade, mas nada que ocasionasse uma ruptura numa relação que atravessava, no mínimo, um período de curiosidade mútua. Havia obstáculos passageiros:

– Amor, já é a terceira noite que você fala na mesma Agatha. Eu tô achando que dessa vez cê tá mesmo a fim de ter alguma coisa com ela.

– Não, amor, eu posso te jurar que não. Mas se é por aí, você andou um tempão falando no teu chefe e nas camisetas que realçam o tórax do cara, pô.

– Nada a ver. Era só fantasia.

– Então. Comigo também.

Havia cobranças:

– Olha, vamos estabelecer uma coisa? Porra, tem algumas pessoas que a gente devia evitar na fantasia. Sabe por quê? Porque a gente vê sempre. Fica até complicado de encarar. Pô, o Henrique tá sempre aqui. Não dá pra pensar em outro cara?

– Amor, isso não tava combinado. Valia qualquer pessoa. Eu também não gostei de saber que você é louco pra comer a bunda da minha irmã. E ela tem só dezesseis anos, caralho! E eu também vejo ela sempre. Se a minha irmã sabe disso!...

E, lógico, havia ciúme:

– Cê tava um saco na festa hoje, hein?! Que que houve?

– Que que houve?! Porra, liberar pra pensar no Edgard, tudo bem, quando a gente transa vale tudo. Pô, mas ficar dançando com o cara quarenta minutos, coladinha e depois ainda ficar conversando mais meia hora? Porra, então dá logo pra ele! Não precisa ficar fantasiando. Vai lá e resolve.

– Hum, é ciúme é? Que gracinha!...

– Gracinha é o caralho. E é ciúme, sim. Até parece: você me encheu o saco quando eu fiz aquele trabalho na casa da Aniela. Pegou até mal pra mãe dela, no dia que você telefonou pra saber se eu tava lá e me deu o maior esporro no telefone.

– E não era pra dar? Duas horas atrasado pro cinema, todo mundo esperando e o trabalhador padrão fazendo serão no sábado com a Aniela no colo. Não fode.

– Que colo nada. E o negócio tinha que ficar pronto naquele dia.

– Então não reclama de eu dançar com o Edgard.

– É, mas com uma diferença: a Aniela não tava a fim de mim e o Edgard só não te agarra sei lá por quê. Ele fica te comendo à distância. E agora, nem distância tem mais. É contato direto. Vai dizer que você, inocentezinha, não notou?

– Notei. E é por isso que eu fui conversar com ele no balcão do bar.

– Como é que é a história?!

– É isso mesmo. Ele começou a falar um monte de coisa enquanto a gente tava dançando e eu achei melhor esclarecer tudo ali mesmo com ele.

– Porra, o cara tava te cantando na festa?

– É, eu acho que sim.

– Acha que sim?!

– É, tava sim. Só que quando eu senti que ele tava de pau duro...

Ele agora estava como que possuído. Nas barbas dele? Levantou e começou a andar pela sala. Disse:

– De pau duro!? O cara ficou te sarrando e você não fez nada? Porra, qualé?

– Eu fiz sim. Fui conversar com ele.

– Claro. Depois de uma hora. Ele gozou, por acaso?

Ela precisava se manter calma. Era um código entre eles: um de nós dois tem a permissão de extrapolar, mas o outro precisa se responsabilizar pelo controle da situação. Na próxima a gente inverte. Uma boa política. Ela disse, brincalhona:

– Não deu pra notar. Pelo menos não molhou a minha saia.

– Vai ver cê nem sentiu: cê tava dançando, suando, molhando a calcinha... Misturou tudo!

– Olha a agressividade. Escuta, não fica puto. Eu conversei com ele. Eu falei que eu tava bem com você, que se ele continuasse, a gente ia parar de se ver, ia perder a amizade. Eu acho que ele entendeu, aceitou, eu até falei que ia te contar, pra não ficar uma situação chata...

– O quê! Cê falou pra ele!?

– Claro, eu tava vendo que você tava puto dentro da roupa. – Fez sinal para que ele se sentasse a seu lado. Ele sentou. Ela o abraçou. – Fica calmo. – Foi um pouquinho cruel. Afinal, ele sempre era... – Eu ainda tô só fantasiando. Quando eu partir pros finais, eu te conto. Com detalhes técnicos...

O fato é que o tal artifício parece que funcionava. Ao menos, o sexo resistia, era bom e, não podiam negar, adquirira um certo nível de variação. Seria esse o tempero da vida? Ela admirava aquele homem meio louco, com ideias escalafobéticas, sempre alternando o humor. Ele à noite nunca era o mesmo que fora de manhã. E ela sabia que ele gostava dela. Se a traía, bem, na concepção dela, segundo a teoria dele, não notava. Não. Achava que podia botar a mão no fogo. Tá bom, a mão, não, um dedo. Da esquerda, que era mais garantido. Também, os dois já tinham passado dos trinta e cinco; talvez tudo fosse fruto do amadurecimento, não somente do endurecimento. (Ela riu do pensamento. Por que não era espirituosa assim sempre?) Ela talvez só precisasse de uma confirmação do que ela achava que ele sentia por ela. E um dia ela veio. Após um daqueles infundáveis debates sobre sexo, abraçados, ele disse:

– Amor, posso te dizer uma coisa?

– Pode.

– Sem querer desmerecer as outras, eu acho que não é qualquer mulher que toparia conversar sobre essas coisas, quanto mais fazer. Eu te admiro pra caralho.

Quanto ao caralho, ele bem que poderia ter sido mais romântico. Mas era o jeito dele, fazer o quê? E parecia que fora sincero. Aquela noite, por exemplo, foi uma daquelas em que não precisaram fantasiar com ninguém. A carne presente bastou para o banquete sexual. Tá bom, não foi um banquete; foi, digamos, um jantar à luz de velas.

Nada como a melhor amiga da parcela feminina de um casal para dar uma sugestão idiota. Modernamente, esta sugestão envolve a indicação de um psicanalista. Não é a psicanálise que é idiota, mas o fato de ser sempre recomendada (por esta amiga que faz análise porque precisa, mas cujo problema não é nem remotamente semelhante ao de sua amiga!) na hora errada, para a pessoa errada e pelo motivo errado. Foi o que aconteceu. Sandra, sua amiga de infância, ao saber, ainda que por alto, de como os dois resolviam suas pulsões sexuais, sugeriu que eles deveriam fazer uma terapia de casal. Não que ela condenasse a prática, poderia ser inclusive uma coisa boa, mas por que não ouvir a opinião de um especialista? E se isso estivesse contribuindo para melar a relação no futuro? O inconsciente da gente é imperscrutável. Você só percebe as consequências depois do problema verbalizado. O que pode levar anos para acontecer. E o processo é irreversível; uma vez que aflora, é difícil retroceder. Essa era a visão dela. Indicou seu próprio analista e os dois, após muito debate, concordaram em vê-lo. Não sem algumas rugas, do tipo:

– Porra, amor, cê precisava contar os detalhes da nossa vida sexual pra Sandra? Daqui a pouco cê publica num jornal!...

– Amor, a Sandra é minha melhor amiga. E eu contei, sei lá, foi meio por acaso. Além disso, ela só quis ajudar e eu acho uma boa ideia. Se não der certo, a gente sai. Qual o problema?

Marcaram a primeira entrevista, aquela em que o analista vê se aceita o paciente e o paciente vê se aceita o analista, onde combinam o preço e são estabelecidas as regras do jogo psicanalítico (infringidas suas regras, as sequelas são inevitáveis e irreparáveis), e lá se foram.

\*

– Bem, eu suponho que já tenho uma ideia do que vocês, vamos dizer, utilizam, para tornar a vida sexual mais, vamos dizer, agradável. Da maneira como vocês apresentaram a situação, não há culpa mensurável de ambas as partes. Deixa eu fazer uma última pergunta: em algum momento dessa, vamos dizer, opção de vocês, a nível de relação sexual mesmo, enquanto casal durante o ato sexual, um de vocês pensou eroticamente, quer dizer, se excitou pensando em alguma pessoa do mesmo sexo?

Olharam-se os dois completamente desnorreados. Jamais tinham cogitado disso! O máximo que conseguiram articular, estupefatos, foi uma resposta dupla, em uníssono.

– Não.

– Nunca.

Ao que o médico, do alto de todo o seu conhecimento adquirido em anos de congressos, workshops, estudos e muita análise, nele mesmo e nos outros, sabiamente retrucou:

– Bem, então, eu lamento dizer isso, mas honestamente eu não vejo a menor indicação terapêutica para o caso de vocês. Da forma como vocês lidam com a situação, não existe nenhuma patologia digna de tratamento.

Nova surpresa.

– Doutor, nada mesmo? – disse ele, ainda confuso.

– Mas doutor – disse ela, mais confusa ainda –, isso é normal?

– Bem – respondeu o médico –, a nível de normalidade, não existe o que é normal e anormal, certo e errado. Os indivíduos estabelecem seus próprios padrões de normalidade e, se eles lidam bem com isso, a situação é normal. Se não, é anormal. Se vocês até hoje não encontraram nada de anormal com a vida sexual de vocês, e eu não encontrei nenhuma indicação disso, não sou eu nem ninguém que vai dizer que ela é anormal. Vocês estão bem.

Desculpem a brincadeira, mas eu acho sinceramente que vocês já se trataram, se é que algum dia precisaram de tratamento.

\*

Os dois deixaram o consultório mudos, ainda sob o impacto das palavras do médico. Uma cumplicidade de pensamentos decididamente corria entre eles, sob a forma de uma energia de entendimento silencioso. Provavelmente conversariam sobre o assunto mais tarde, outro dia, quem sabe, mas por certo era um dado novo. Mesmo sexo??? Eles jamais tinham pensado naquela possibilidade.

\*\*\*\*\*

\*\*\*

\*

*Rio, 1998.*

Copyright